

LACUNA

Luz Ribeiro



Erguer um texto numa estrutura pálida demais

Em 2019, após refletir sobre a dramaturgia escolhida para as primeiras três temporadas do *Esta noite grita-se e - entre o espanto e o susto - reconhecer a disparidade de género nos autores que tínhamos selecionado*, surgiu a necessidade de colocar em marcha uma mudança no nosso trabalho. De facto, ao longo dos anos, temos-nos deparado com uma escrita predominantemente masculina e no masculino. Feita por, sobre e para o homem, que se projeta como universal. Caro leitor, se lhe perguntássemos quantas dramaturgas é capaz de nomear, como responderia? Provavelmente conhecerá poucas. E menos ainda que tenham, de facto, visto os seus textos levados a palco. Por tudo isto avançámos em 2021 com uma temporada totalmente dedicada a dramaturgas, e demos início ao processo de criação do Prémio Nova Dramaturgia de Autoria Feminina. O grande número de candidaturas logo no ano de arranque (119), provou o nítido interesse neste tipo de oportunidades, com vozes a chegarem-nos de vários países falantes de língua portuguesa. A partir de 2022, as três artistas selecionadas como finalistas passaram a ter acesso a um acompanhamento de mentoria com o júri. Esta oportunidade de escuta e de cruzamento de experiências artísticas no retrabalho do texto, tem sido fundamental na melhoria da qualidade dos textos, de acordo com o retorno que temos obtido de autoras e júris, ao longo das edições.

O texto “Lacuna”, que se apresentava, à primeira vista, como um texto-poema-manifesto, dedicado ao pensamento antirracista no Brasil escrito por uma mulher negra, atinge muitas outras camadas, quando escutado de viva voz: a partir da história de uma neta que explora os meandros da memória em busca de uma avó - memória que se assume como meio real, meio inventada - somos confrontados com as lacunas e fragmentações a que pessoas negras estão expostas em função do colonialismo. Entre árvores genealógicas inacessíveis e apelidos inventados, o texto navega num extenso mar salgado, procurando matéria para “despreencher vazios”, cinzas que a História branca deixou e que teima em não reconhecer.

Enquanto homens brancos europeus, o processo de trabalhar com um grupo de intérpretes negras um texto escrito por uma mulher negra sobre um tema tão duro, e que não se cola à nossa pele da mesma forma, foi acima de tudo um ato de escuta. Sentimo-nos a flutuar entre o desamparo e o espanto (não é assim que devemos estar quando escutamos alguém?). Aoaní, Índi Mateta e Joyce Souza, partilharam connosco algumas das suas próprias lacunas, riram-se de nós quando nos expressávamos com a condescendência habitual dos brancos, introduziram-nos ao complexo universo da cosmovisão africana, soprando pontos de vista que nos eram alheios. Isto não nos paralisou, e depois de períodos de confusão sentimo-nos instigados a querer saber mais, a tentar ouvir para além do nosso eurocentrismo colonial e judaico-cristão.

Esta folha de sala está escrita em branquês-esforçado - um tipo de escrita que está longe de perfeita, e que se dispõe a escutar. Seria muito diferente se fosse escrita por uma voz negra - mas não foi por duas razões: primeiro porque as nossas folhas de sala pretendem mostrar de que forma o texto reverbera na nossa visão do mundo, e segundo porque assim pomos a nu essa mesma evidência - que nenhum texto escrito a partir do privilégio pode fazer justiça à experiência de quem nunca o teve, e que o reconhecer este facto é fulcral para todos os que estão empenhados em pensar o mundo. Procuremos as nossas lacunas e preenchemo-nas com um outro enchimento, cientes de todo o mundo invisibilizado que nos rodeia. Deixamos-vos, em jeito de sopro, alguns dos nomes citados na peça e que são essenciais para começar uma reconstrução de um novo edifício que nos albergue a todos: Achille Mbembe, Angela Davis, Frantz Fanon, Lélia Gonzalez, Toni Morrison. E Luz Ribeiro.

DIREÇÃO
INTERPRETAÇÃO

Filipe Abreu e Miguel Maia
Aoaní, Índi Mateta, Joyce Souza

Direção Artística:
Filipe Abreu e Miguel Maia

Produção:
Beatriz Sousa e Lucila Clemente

Pré-produção:
Inês Achando

Comunicação:
Sónia Godinho

Assessoria de Imprensa:
Mafalda Simões

Fotografia:
Sónia Godinho

Design Gráfico:
Edoardo U. Trave

Vídeo:
Mário Jerónimo Negrão

Registo audiovisual:
James Newitt

Classificação etária do festim M/14

Para mais informações contactar:
companhia@cepatorta.org
(+351) 924 744 048

Programação completa em:
www.cepatorta.org/eng24

Créditos da imagem
© Edoardo U. Trave
edoardotrave.eut@gmail.com



esta noite GRITA-SE



Financiado por:



Apoios:



Parceiros:



Parceiro media:



LACUNA
Luz Ribeiro